

Homilia da Solenidade de São Pedro e São Paulo

Hoje a Igreja celebra a Solenidade de dois Apóstolos que são fundamentos da Igreja. Pedro que é destacado principalmente da primeira leitura e no Evangelho e Paulo na Segunda leitura. Porém, a 1ª Leitura cria um espaço para falar dos dois apóstolos, mostra que Deus está com seus enviados. Baseando-se na compreensão dos dois apóstolos, pode-se combinar a ideia da pessoa de referência para a unidade da Igreja como foi Pedro e a do incansável missionário que foi Paulo.

Na 1ª leitura, temos o relato da prisão e libertação de Pedro, Herodes Agripa I, é o terceiro monarca do mesmo nome a ser nomeado no NT; era filho de Aristóbulo e sobrinho de Herodes Antipas (que mandará matar João Batista) e neto de Herodes, o Grande (o da construção do Templo e da matança dos inocentes – para matar Jesus). Depois de uma vida libertina em Roma, obteve o favor de Calígula, vindo a poder usar o título de rei de um território quase tão grande como o do avô, apresentando-se muito zeloso da religiosidade judaica. Ele que manda matar a Tiago que é filho de Zebedeu e Salomé, irmão do Apóstolo João Evangelista. Seu martírio deve ter sido um ano ou dois após a tomada de posse de Herodes, a qual se deu no ano 41. Após a morte de Tiago, Herodes manda aprisionar Pedro.

O Senhor ouviu a oração da Igreja reunida, e envia seu anjo para libertar Pedro da prisão, o Senhor o libertou como libertou seu povo da escravidão do Egito. A Igreja recorre a arma da oração, é Deus que age e liberta. Esse feito confirma sua missão especial na Igreja que é ressaltada no Evangelho. Aqui podemos encontrar um belo fundamento bíblico da oração assídua pelo Papa.

Como já comentamos a 1ª leitura também pode se estender à vida de Paulo, que conforme At. 16, 16-40 viveu uma experiência semelhante, além de muitas outras situações de perigo e aperto, vindo o anjo do Senhor também liberta-lo.

No texto do Evangelho, encontramos duas partes distintas, mas intimamente ligadas: a confissão de fé de Pedro acerca da messianidade de Jesus (vv. 13-16), comum a Marcos e a Lucas; e a

promessa do primado que Jesus confere a Pedro (vv. 17-19), exclusiva de Mateus. O povo reconhecia Jesus como um profeta como se nota diversas vezes nos textos dos Evangelhos surgiu um grande profeta. Porém, os Dozes Apóstolos possuem uma opinião própria que é expressa por Pedro: Tu és o Messias, o Filho de Deus (Messias o Ungido, o Cristo). Uma resposta esclarecida da fé de Pedro, tomado pelo Espírito. Jesus é o Rei (ungido) anunciado pelos Profetas e esperado pelo povo. A fé de Pedro, como a nossa, não pode proceder de um mero raciocínio humano, da sagacidade natural, mas da luz, da certeza e da firmeza, que procede da revelação de Deus.

Mateus nos mostra que Jesus reage à profissão de fé feita por Pedro em nome dos Doze com três observações. Primeiro reconhece nela uma inspiração divina: “não foi um ser humano (literalmente carne e sangue, uma forma semítica de designar o homem enquanto ser débil e exposto ao erro e ao pecado) que te revelou isso”. Em seguida muda o nome de Simão chamando-o com um jogo de palavras de Pedro, porque “sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e o pode (literalmente “as portas”) do inferno nunca poderá vencê-la”. Jesus assim o chama, é em razão da função ou cargo que há de investi-lo. Enfim, Jesus confia a Pedro o serviço de governar a comunidade (as chaves e o poder de ligar e desligar, ou seja, obrigar ou deixar livre, poder de decisão), com retificação divina (será ligado e desligado no céu).

Jesus, ao dizer: “edificarei a minha Igreja”, significa que tem a intenção de fundar algo novo, uma nova comunidade de Yahwéh. Ekklesia é a tradução grega corrente dos LXX (70) para designação hebraica da comunidade de Yahwéh, isto é, o povo escolhido por Deus reunido para o culto. Não é, portanto, a Igreja uma seita dentro do judaísmo, é uma realidade nova e independente. Jesus pode dizer minha, porque Ele a salva, Ele a adquire com seu sangue, Ele a convoca, Ele realiza nela a presença divina, a aliança, o sacrifício. “As portas do inferno não prevalecerão”, uma linguagem tipicamente bíblica. Inferno tanto pode designar a destruição e a morte, como satanás e os poderes hostis a Deus. Também nos dias de hoje não é difícil ver como estes poderes hostis à verdadeira Igreja de Cristo mais uma vez se assanharam contra o Papa.

“Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus” – Os poderes que Jesus confere a Pedro, não são para exercer no Céu, mas aqui neste mundo, onde a Igreja, o Reino de Deus em começo e em construção, tem de ser edificada. Pedro será a rocha da edificação da Igreja. A Pedro e aos seus sucessores é confiada a missão de serem fundamento visível da realidade invisível que é Cristo Ressuscitado. O poder de ligar e desligar expresso na metáfora das chaves indica a autoridade sobre a Igreja.

Este primado de Pedro sobre toda a Igreja – que hoje se designa por *ministério petrino* – não é conferido apenas à pessoa de Pedro, mas a todos os seus sucessores; com efeito, Jesus fala a Pedro na qualidade de chefe duma edificação estável e perene, a Igreja; se o edifício é perene também o será a pedra fundamental.

O Catecismo da Igreja Católica no nº 882 nos recorda: “o Papa, Bispo de Roma e sucessor de S. Pedro, é princípio perpétuo e visível, e fundamento da unidade que liga, entre si, todos os bispos com a multidão dos fiéis (LG 23)”. Em virtude do seu cargo de vigário de Cristo e pastor de toda a Igreja, o Pontífice romano tem sobre a mesma Igreja um poder pleno, supremo e universal, que pode sempre livremente exercer (LG 22). Este é um dos pontos cruciais do diálogo ecumênico, que terá uma saída feliz quando todos os que se consideram cristãos compreenderem que o carisma petrino, por vontade de Cristo, é o indispensável instrumento de união e unidade na legítima diversidade.

Quero também recordar, que em nosso retiro passado, o pregador falou-nos da missão de Pedro. Colocou-nos várias vezes o quanto Pedro que era do grupo dos Zelotas, era impulsivo, queria que as coisas acontecessem agora, nesse momento (o que nos lembra quantas vezes também somos assim, queremos tudo para ontem, e não esperamos o tempo que Deus tem para nós), e que muitas vezes interveio junto a Jesus, quando este ensinava. Jesus chegou a dizer: “afasta-te de mim Satanás, pois não vês as coisas com os olhos de Deus, mas dos homens”. Porém, todas as chamadas de atenção de Jesus a Pedro eram para mostra-lhe que ele é discípulo e não o mestre, e que deveria se colocar em seu lugar, com humildade de quem serve. Jesus estava ensinando não somente a Pedro, mas a todos os

Apóstolos, o sentido do servir, da humildade, preparando-os assim para a missão que viria após a sua Ressurreição.

A 2ª leitura é um extrato da parte final da carta, em que Paulo, pressentindo a morte iminente, faz como que um balanço da sua vida toda devotada à causa da Boa Nova. Ele, que sempre trabalhou com as próprias mãos, está agrilhado; na defesa ninguém o assistiu. Contudo, fala cheio de gratidão e esperança. Guardou a fidelidade a sua e a dos fiéis. Aguarda com confiança o encontro com o Senhor. Ofereceu sua vida no amor e o amor não tem fim. Seu último ato religioso é a oblação da própria vida (Rm 1,9; 12,1). Sua vida está nas mãos de Deus que o arrebatou da boca das feras. Paulo, após sua conversão, se tornou Apóstolo e realizou mais que os outros, a missão de ser testemunha de Cristo até os confins da terra (At 1,8). Apóstolo dos pagãos tornou realidade à universalidade da Igreja, da qual Pedro é o guardião. Em meio a diversas dificuldades encontradas, até mesmo entre os membros da Igreja, Paulo anuncia o Cristo crucificado e ressuscitado, como a salvação, loucura para os gregos, escândalo para os judeus, mas alegria verdadeira para quem Nele crê. No fim de sua vida, Paulo pode dizer que “combateu o bom combate e conservou a fé”. Essa afirmação deve ser entendida como fidelidade na prática, tanto de Paulo como dos fiéis que ele ganhou. Como Cristo, o bom pastor, não deixa as ovelhas se perderem, assim também o apóstolo, enviado de Cristo, as conserva nesse laço de adesão fiel, marca de sua própria vida.

Queridos irmãos e irmãs, celebrar os Apóstolos Pedro e Paulo é um testemunho de fé na Igreja “una, santa, católica, apostólica”. Pedro é efetivamente a pedra que se apoia diretamente sobre a pedra angular que é Cristo. Pedro e Paulo são os últimos elos de uma corrente que nos liga a Jesus. Celebramos neles os fundadores de nossa fé.

Que possamos no mundo atual, sermos também testemunha da fé, combatermos contra tudo aquilo que ameaça nossa fé, nossa salvação. Que como Pedro, sejamos um sinal da unidade da Igreja e como Paulo, anunciadores da Boa Nova de Jesus. Que ao final possamos dizer como Paulo, que combatemos um bom combate e mantivemos nossa fé e chagarmos ao Reino dos Céus, como esses Apóstolos martirizados, um pela cruz e o outro pela espada.



AMÉM